

CORES

**Actas do VII Colóquio da Secção Portuguesa
da Associação Hispânica de Literatura Medieval**

Isabel de Barros Dias
Carlos F. Clamote Carreto

Capa de: Esperança Marques

Copyright © **UNIVERSIDADE ABERTA**

Palácio Ceia - Rua da Escola Politécnica, 147

1269-001 Lisboa

www.uab.pt

e-mail: cvendas@univ-ab.pt

DL: 320783/10

ISBN: 978-972-674-702-4

Printed by Publidisa

Sibila Cassandra, branca ou vermelha? **Percursos de uma sibila na *General Estória* de Afonso X**

Mariana Leite
Instituto de Filosofia da Universidade do Porto/SMELPS
Bolseira da Fundação para a Ciência e Tecnologia
Doutoranda da Universidade do Porto (Faculdade de Letras)

Quando, na tradição grega, nasce Cassandra, longe estava a profetiza de se ver nas situações em que é colocada pela *General Estória*. Personagem da guerra de Tróia, filha de Príamo e Écuba, a princesa caracteriza-se pelo dom da profecia, que ninguém escuta. A tradição homérica justifica a incapacidade que Cassandra tem de se fazer ouvir como uma punição. Em troca da vidência, Cassandra promete entregar-se a Apolo. Porém, retrai-se e, por recusar conceder a sua virgindade ao deus, é condenada a profetizar em vão, sendo por isso incapaz de evitar a destruição da sua cidade e família.

O tema da profetiza ignorada será bem recebido pela literatura grega subsequente. Por vezes, Cassandra muda de nome, e torna-se *Alexandra*, tal como acontece na peça homónima de Licófron, composta no século III a.C¹. Nesta obra, Cassandra profetiza não apenas a destruição da sua cidade mas também o nascimento de uma nova Tróia, Roma, o que se torna um dado relevante para a compreensão da valorização desta personagem tanto no período romano como principalmente na Idade Média, tão apreciadora dos feitos troianos. A partir das profecias apresentadas no texto de Licófron, Dionísio de Halicarnasso introduz o epíteto de «sibila» associado à princesa². Porém, no período romano, Ovídio,

¹ O texto de Licófron de Calcis encontra-se editado com uma tradução em espanhol. Ver Licófron de Calcis, *Alejandra* (Ed. Mascialino), L. Barcelona, Ediciones Alma Mater, 1956. A denominação de Cassandra como Alexandra advém da partilha do nome com o seu irmão, Páris Alexandre.

² «The Greek poet Lycophron [...] has Cassandra, a daughter of Priam, Troy's last ruler, prophesy the coming of a new Troy, Rome. [...] In the *Alexandra*, the Trojan princess recalls the «memory of ancient oracles» and proclaims that «Trojans must wander till they encountered a white sow with thirty piglets». Dionysius of Halicarnassus has Aeneas receive the same two-part prophesy from «a Sibylla, a local nymph, who was a prophetess dwelling in the red soil of Ida», and then once more from Zeus at Dodona, the oldest Greek oracular site. Dionysius had turned Lycophron's prophesying Cassandra into a Sybil.» Takács, S. A., *Vestal Virgins, Sibyls, and Matrons: Women in Roman Religion*, Austin, University of Texas Press, 2008, p. 62.

nas *Heróidas*, recordará Cassandra, mais como conselheira e irmã de Páris do que profetiza, numa passagem citada duas vezes na *General Estória*³.

À cultura medieval, Cassandra chega sobretudo pelos relatos da guerra de Tróia atribuídos a Dares e Dictis⁴, testemunhas fictícias dos eventos ocorridos. Estas narrativas, compostas no início da Idade Média, procuram ser relatos quase jornalísticos dos eventos celebrizados pelos poemas homéricos. Eliminando-se em grande medida o envolvimento dos deuses olímpicos, aparecem apenas os acontecimentos humanos da guerra. Nestes textos, Cassandra continua a vaticinar em vão o fim do reino e da linhagem; porém, não há agora justificações divinas para a descrença dos seus. Além disto, a princesa não está isolada nos alertas sobre a destruição de Tróia. Sem uma justificação mítica, a tragédia de Cassandra torna-se mais humana. A princesa será apenas mais uma infeliz profetiza de destinos que os homens recusam aceitar, sendo relegada para um plano cada vez mais secundário ao partilhar o carácter profético com Heleno, um conselheiro vidente da corte de Príamo.

Além do *De excidio Troia historia* de Dares, texto adoptado pela *General Estória*, a divulgação da matéria troiana conheceu grande sucesso durante os séculos XII e XIII através de outras narrativas. A partir de obras de cariz historiográfico ainda redigidas em latim mas também pelo surgimento de textos literários, como o fundamental *Roman de Troie* de Benoît de Sainte-Maure⁵, assistiu-se à recuperação da história de Tróia, da guerra e dos seus heróis cada vez mais pintados ao gosto medieval⁶. Porém, se estes novos textos são consideravelmente amplificados em relação aos de Dares e Dictis, não é por isso que Cassandra passa a receber um tratamento especial. No *Roman de Troie* são-lhe dedicadas

³ Nas *Heróidas*, Cassandra é a conselheira de Oenone, a quem anuncia que o amor que o seu irmão Páris sente por Helena apenas trará sofrimento ao seu reino: «Hoc tua (nam recolo) quondam germana canebat./ Sic mihi diffusis uaticinata comis:/ «Quid facis, Oenone? quid harenae semina mandas?/ Non profecturis litora bubus aras./ Graia iuuenca uenit, quae te patriamque domumque/ Perdat. Io! Prohibe. Graia iuuenca uenit./ Dum licet, obscenam ponto demergite puppim./ Heu! quantum Phrygii sanguinis illa uehit.» Ovídio, *Heroidas* (ed. de H. Bornecque), Paris, Les Belles Lettres, 1961, p. 31. Esta alusão a Cassandra surge, de forma mais resumida, na *General Estória*: «[...] me dixo ende tu hermana, la infante Casandra, echando el velo de la cabeça aculla, e ella descabennada e llorando con el pesar e con el duelo que auie del destruyimiento de Troya que veye venir». Afonso X, *Las Metamorfosis y las Heroidas de Ovídeo en la General Estória de Alfonso el Sábio* (ed. de B. Brancaforte), Madison, Hispanic Seminar of Medieval Studies, 1990, p. 322.

⁴ *De Bello Trojano*, de Dictis, e *De Excidio Troiae historia*, de Dares, são duas narrativas que surgem no dealbar da Idade Média, provavelmente ainda no século IV, cuja escrita é atribuída a duas personagens que viveram no período da guerra e a testemunharam. Dictis Cretense relata a perspectiva grega e Dares Frígio a perspectiva troiana, sendo por isso este último o autor preferido para a Idade Média, devedora de Roma e mais favorável aos troianos. Para as edições, veja-se Dares Phrygius, *De Excidio Troiae historia*; Dictys Cretensis, *De Bello Trojano* (ed. de S. Artopoeus), Londres, imp. A. J. Valpy, Vol. I., 1825.

⁵ Benoît de Sainte-Maure; *Le Roman de Troie* (ed. de L. Constans), Paris, Librairie de Firmin Didot, 1904. O romance em verso de Benoît de Sainte-Maure segue quase sempre a narrativa de Dares Frígio, traduzindo-a e amplificando-a.

⁶ A escrita de romances em verso surge principalmente com os *romans antiques*, cuja temática incide, tal como o nome indica, sobre a história da Antiguidade, especialmente de Tróia. A divulgação da matéria troiana provém sobretudo de Virgílio e Ovídio e dos já referidos textos de Dares Frígio e Dictis Cretense, ainda que circulassem versões latinas de Homero. A partir do século XII surgem textos historiográficos que, independentemente de serem histórias universais ou particulares, remetem sempre para a guerra de Tróia.

mais acções, uma descrição mais favorecedora mas pouco se acrescenta à imagem da profetiza ignorada.

Chegamos então ao nosso texto. Devedora das narrativas troianas que acabámos de referir – *De Excidio Troia historia* e *Roman de Troie*, sem esquecer os apontamentos sobre Tróia das *Heroidas* de Ovídio – a *General Estória* recupera de modo inovador a profetiza Cassandra.

Começemos por ver as passagens que traduzem as fontes utilizadas no texto de Afonso X e que transmitem uma imagem elementar de Cassandra, ou seja, uma caracterização, comum a todas as fontes, que pinta a princesa como personagem da guerra de Tróia.

De facto, quando, na 2ª parte da obra afonsina, se inicia a longa história de Tróia, Cassandra surge como a profetiza que alerta em vão para o fim da sua cidade. A passagem é uma tradução bastante amplificada do texto de Dares, que certamente não terá ficado alheia ao *Roman de Troie*. A principal diferença entre a *General Estória* e o texto francês passa pelas modificações feitas na composição do texto castelhano – a profecia, por ser partilhada com outros conselheiros do rei, não é explicitamente proferida por Cassandra. Todavia, são feitas considerações elogiosas sobre a princesa que ultrapassam os silêncios dos textos latino e francês consultados. Assim, Dares apenas narra as acções da profetiza troiana: «Cassandra, postquam audivit patris consilium, dicere coepit quae Trojanis futura essent, si Priamus perseveraret classem in Graeciam mittere.»⁷

Já Benoît de Sainte-Maure opta por introduzir a personagem apresentando a sua origem e as capacidades de vidência que a habilitam a prever os destinos de Tróia. As palavras da profecia são directamente pronunciadas por Cassandra, afastando-se nisto o texto francês de Dares e da *General Estória*.

Cassandra fu fille le rei,
Que mout sot de devin segrei:
Respons preneit e sorz getot.
Cele conut tres bien e sot,
Se de Grece a femme Paris,
Destruite iert Troie e li païs.
Mostré lor a e dit tres bien:
«Nel vos penseiz,» fait el, «por rien;
«Quar, s'en Grece vait li navies,
«Poi pourrons puis preisier noz vies.
«Troie en revertira en cendre:
«Ne nos en porra rien defendre.
«A mal irons e en peril,
«E li polusor en lonc eissil.»
Mout lor defend e mout lor viee,
E mout s'en fait triste e iriee. Bien lor anonçot chose veire:
Cui chaut? qu'il ne la voustrent creire.»⁸

⁷ Dares Phrygius, *De Excidio Troiae historia*, 1825, p. 305.

⁸ Benoît de Sainte-Maure, *Le Roman de Troie*, 1904, p. 212-213, v. 4143-4160.

Ao apresentar a princesa, no seguimento do que já fora feito no *Roman de Troie*, o texto afonsino começa por inseri-la no conjunto das sibilas da antiguidade cujas profecias eram associadas à vinda de Cristo. A passagem é bastante semelhante ao texto do *Pantheon* de Godofredo de Viterbo que será recuperado na 3ª parte da *General Estória*⁹. Sendo Cassandra uma das profetizas de Cristo, ou seja, uma das dez mulheres pagãs cujo dom lhes permite anunciar a vinda do Messias, é significativa a adjectivação superlativa da princesa: a mais honrada e maior vidente do que todas as outras. Anuncia-se assim que a mais capaz das profetizas da antiguidade é a princesa de Tróia.

E alli vino otrosi aquella ora la infante Casandra, fiia del rey Priamo e de la reyna Ecuba, que fue vna de las diez seuillas, que fueron todas mugeres e profetizaron las cosas que auien de venir. E era esta entre ellas la mas onrrada, e que de mayores profetizauan e mas cosas dezie. E fablo alli e dixo otrosi que dexasen de tomar contienda los troyanos con los griegos; ca si se non dexasen ende, serien destroydos por ello.¹⁰

Ainda que tendo como referência principal Dares, a *General Estória* continuará a recorrer a obra de Benoît de Sainte-Maure, utilizando dados dos dois textos para elaborar o retrato físico e psicológico da personagem.

Comecemos por analisar a descrição de Cassandra em Dares e em Benoît de Sainte-Maure. O texto latino assinala que a princesa é “rufam” (ruiva), elemento ausente do *Roman de Troie*: «Cassandram mediocri statura, ore rotundo, rufam, oculis micantibus, futurorum praesciam.»¹¹

Porém, o autor francês descreve a pele da profetiza, considerando-a rosada e marcada por sinais - «Rose ot la chiere e lentillose». Em ambos os casos, a presença do elemento vermelho – no cabelo e na pele – mancham a figura de Cassandra. O adjectivo “rufus”, além de descrever a cor do cabelo, tem o pejorativo sentido de “rude” e “selvagem”. Além disso, a cor de cabelo vermelha tem uma conotação fortemente negativa transversal a várias culturas, a que a Idade Média não ficou indiferente: ruivas são normalmente as feiticeiras¹², os traidores como Judas, os frutos de relações incestuosas ou pecaminosas, aqueles que estão

⁹ Godofredo de Viterbo, *Pantheon in Germanicorum Scriptorum qui rerum a Germanis per multas aetates gestarum historias vel annales posteris reliquerunt...* (cur. Burcardo Gotthelfffio Struvio, pref. J. P. Nidani.). Ratisbonae, Joannis Conradi Peezii, (ed. tertia) 1726. O *Pantheon* é uma das histórias universais a que os redactores afonsinos recorrem para a escrita da *General Estória*. A análise das relações entre texto latino e castelhano para a passagem em estudo encontra-se em Leite, M. *Antes da queda de Jerusalém. Os reis e os seus profetas na 3ª parte da General Estória de Afonso X*. Dissertação de mestrado em Literatura Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2008.

¹⁰ Afonso X, *General estoria. Segunda Parte* (ed. de A. G. Solalinde, L. A. Kasten, V. R. B. Oelschläger), Madrid, Instituto Miguel de Cervantes, 1957-1961, p. 115.

¹¹ Dares Phrygius, *De Excidio Troiae historia*, 1825, p. 309.

¹² Para a compreensão do papel da cor do cabelo de Cassandra é fundamental o artigo de Pastoreau, Michel «L'homme roux», in *Une histoire symbolique du Moyen Âge occidental*, Paris, Éditions du Seuil, 2004, p. 197-209. De entre várias considerações sobre as conotações pejorativas sobre os ruivos, destacamos as que insinuam que os ruivos – e, especialmente, as ruivas –, estão relacionados com feitiçaria: «Les superstitions ne sont pas en reste qui, dès la fin du Moyen Âge, considèrent que croiser sur son chemin un homme roux est un mauvais présage et toutes les femmes ayant les cheveux de cette couleur sont plus ou moins sorcières.», *ib.*, p. 202.

de alguma forma marcados pelo pecado¹³. O cabelo ruivo é demonizado, simbolizando muitas vezes o pacto com o Diabo.

O autor francês parece modalizar a imagem negativa de Cassandra, elogiando a sua sabedoria e capacidade de vidência ao mesmo tempo que elimina a referência ao seu cabelo vermelho. No entanto, não deixa de aludir a uma pele “lentillose”, ou seja, manchada. As marcas na pele, associadas, tal como o cabelo ruivo, a uma situação de impureza¹⁴ – recordemos as considerações do Levítico sobre as manchas da pele – impedem que a imagem de Cassandra no *Roman de Troie* seja isenta de máculas:

Cassandra fu de tel grandor
Que ne pot estre de meillor.
Rose ot la chiere e lentillose.
Merveilles ert esciëntose:
Des arz e des segreiz devins
Saveit les somes e les fins;
De la chose que aveneit
Diseit tot quant qu'il en sereit.
Lez ieus ot clers e reluisanz.
Toz ert divers li suens semblanz,
E sis estres e sis pensez
Ert d'autres femmes devises.¹⁵

A *General Estória*, por seu lado, rompe com esta tradição pejorativa em torno da princesa troiana. Os seus cabelos, não mais ruivos mas sim “rubios”, ou seja, loiros, são imaginados longos, o que permite imprimir maior impacto visual à descrição da personagem na 3ª parte, quando solta os cabelos em sinal de desespero pelo fim de Tróia. Além disso, Cassandra parece ter agora o cabelo longo e dourado das virgens, não o cabelo vermelho das feiticeiras. A sua pele avermelhada e manchada, conforme o autor francês, é descrita como “branca”: já não encontramos nela nenhum sinal de mácula que a pigmentação rosada poderia transmitir.

A valorização de Cassandra é reforçada com a amplificação da descrição física positiva através de elementos ausentes das fontes: os «oculis micantibus» ou «ieus clers e reluisanz» são elogiosamente comparados com os de Vénus, deusa “pecaminosa” do amor, é certo, mas também senhora de incomparável beleza. Toda a sua formosura, já presente no *Roman de Troie*, é engrandecida com o detalhe com que é pintado o seu corpo: as mãos e os pés são descritos. Talvez na apresentação de uns pés perfeitos se procure anular as demonizações de que Cassandra parece ser objecto nos textos anteriores: a princesa,

¹³ Ser vermelho, ruivo ou corado será também estar ligado a actividades negativas – de entre as quais, a prostituição – ou indiciar uma personalidade sanguínea: «Quant aux surnoms, le «Rouge» ou le «Roux», ils sont fréquents et presque toujours dévalorisants: soit ils indiquent une chevelure rousse ou une face rougeaude; soit ils rappellent le port d'une marque vestimentaire infamante de cette même couleur (boureaux, bouchers, prostituées) ; soit, et cela est fréquent dans l'anthroponomie littéraire, ils soulignent le caractère sanglant, cruel, diabolique de celui qui en est doté». *Ib.*, p. 203 – 204.

¹⁴ *Ib.*, p. 206: «Être roux, c'est aussi avoir la peau semée de taches de rousseur, c'est être taché, donc impur, et participer d'une certaine animalité.»

¹⁵ Benoît de Sainte-Maure, *Le Roman de Troie*, 1904, p. 306-307, v. 5529-5540.

sendo adivinha, não é feiticeira nem demónio, pelo que não tem um pé-de-cabra como as bruxas. Finalmente, tendo omitido considerações sobre o seu dom, que, no texto francês, poderia ser conotado com negromância («Respons preneit e sorz getot»), resumindo as suas qualidades à simplicidade de coração, contrastante com qualquer insinuação de bruxaria ou artes mágicas, e a sua generosidade:

E Casandra era blanca, e nin era muy grande nin muy pequenna, la boca bien fecha [Dares], los ojos muy fermosos commo los de Venus, los cabellos muy luengos e ruuios [Benoît de Sainte-Maurel], e apuestos mienbros, e los dedos luengos e los pies muy bien fechos; e sobre todo esto fermosa, e simple de corazón, e larga que daua de grado que quier que tenie.¹⁶

Podemos então passar à análise da nova imagem de Cassandra que a *General Estória* cria. Ao contrário da imagem elementar, talvez a que nos é mais familiar, esta nova imagem é elaborada e joga com outras personagens e situações distintas da guerra de Tróia¹⁷. Torna-se sinónimo de profetiza pagã, chamando a si as características e acções de todas as outras mulheres que, de acordo com os oráculos sibilinos, haviam previsto a vinda de Cristo e reflectido sobre as falhas dos homens perante Deus.

Ainda que a descrição física e moral de Cassandra surja apenas na 2ª parte, a par dos trechos traduzidos do *Roman de Troie*, já antes o público se tinha deparado com a profetiza.

A primeira aparição de Cassandra ocorre logo no início da 1ª parte da *General Estória*. Conta-se a história da torre de Babel e, a dado momento, surge a seguinte passagem:

Sevilla Cassandra, segund retraye d'ella Josefo en el seseno capítulo, dize ende assi: - Seyendo todos los omnes de un lenguaje finieron una torre muy alta pora subir por ella al cielo, mas los dioses enviaron vientos que trastornaron la torre e la destroyeron, e partieron a cadauno el lenguaje que era antes uno comunal de todos.¹⁸

O que poderá fazer aqui Cassandra?

Esta história, e mesmo a reflexão que Cassandra faz sobre ela, parecem desconexas. Cita-se Flávio Josefo, mas em lado algum este autor coloca nos lábios da princesa troiana estas palavras: a mulher que os profere é apenas uma sibila anónima. Após a consulta dos oráculos sibilinos, fonte para Flávio Josefo, constatamos que também nestes apócrifos do Antigo Testamento a profetiza não tem nenhum nome. Só a *General Estória* baptiza esta sibila: Cassandra. Todavia, a sibila anónima dos oráculos vinha sendo normalmente identificada com a sibila eritreia, que também era vista, desde Apolodoro de Atenas¹⁹ (século

¹⁶ Afonso X, *General Estoria. Segunda Parte*, 1957-1961, p. 134.

¹⁷ No final da guerra de Tróia, uma importante nota do redactor afonsino deixa espaço para a inserção de mais matéria sobre a vida de Cassandra: «[...] ca muertos eran ya Ector e los otros todos, e sus fias las vnas robadas e las otras muertas, saluo ende el obispo Eleno e la infante Casandra que eran perdonados de los griegos e se fincauan y en la tierra». *Ib.*, p. 168.

¹⁸ Afonso X, *General Estória. Primera Parte* (ed. de P. Sánchez-Prieto Borja), Madrid, Fundación José Antonio de Castro, 2001, p. 76.

¹⁹ De acordo com as indicações da introdução à edição dos oráculos sibilinos por Suárez de la Torre, E., «Oráculos Sibilinos» in *Apócrifos del Antiguo Testamento* (ed. de A. Díez Macho e A. Piñero Sáenz), Madrid, Ediciones Cristandad, 2002, Tomo 3.

II a.C.), como profetiza da guerra de Tróia, o que facilmente permitiria compreender a associação de Cassandra à anónima eritreia. Todavia, esta profetiza oriental foi também correntemente considerada a sibila alexandrina ou alexandra, por ser conselheira de Alexandre Magno²⁰.

Reencontramos a bela princesa muito depois da primeira aparição, e já após termos contactado com toda a história de Tróia. No final da 3ª parte, num fragmento de matéria troiana encontrado no manuscrito CXXV 2/3 da Biblioteca Pública de Évora²¹, revela-se uma nova faceta de Cassandra. No momento da queda de Jerusalém sob domínio de Nabucodonosor, relata-se a profecia errónea da sibila troiana, que crê poder ser a mãe de Cristo. Nesta profecia, atentemos na argumentação de Cassandra, que, através do seu auto-retrato, procura validar a sua esperança:

Esta sibilla Cassandra fallamos que cuentan las ystorias que propheto como Ihesu Cristo auie de nascer de muger *virgen*. Et pues que ella esto entendio por el *sacro* de *nostro* sennor dios, dixo sobrello entressi: «Si dios carne humana ha de tomar en mugier de linage de Reyes *et* uirgen *et* fermosa *et* de buenas costumbres, fija so yo de Rey *et* de Reyna *et* linda. Ca el Rey Priamo de Throya, *que* viene de Reyes *et* de Reynas, *et* el Rey *et* la Reyna Euchuba, su muger, otrossi de Reyes *et* de Reynas, son mjo padre *et* mj madre. Pues *uirgen* so *et* donzella *et* grande *et* fermosa *et* Rica, ende pues que el fijo de dios carne humana ha de tomar *et* seer omre, cuedaria ya que en mj deuerie uenir *et* nascer de mj.» Et ella, cuedando en esto *et* biuyendo en esta esperanza, nunca *quiso* casar, *njn* consintio nunca que uaron aella llegasse por tal parte. Et sobresto fue siempre delas meiores costumbres que duenna del mudo lo podria seer.²²

Esta passagem encontra no *Pantheon* de Godofredo de Viterbo uma autoridade para a justificar. Ainda que Godofredo de Viterbo nunca tenha redigido semelhante situação, a verdade é que também ele apresenta uma profetiza – anónima e identificada com a sibila contemporânea de Alexandre Magno – como profetiza de Cristo, sendo muitos dos elementos presentes no excerto da *General Estória* fundamentados nessa referida passagem do *Pantheon*.

De onde virá então toda esta reconfiguração de Cassandra?

Recuperemos então um elemento já referido: o monólogo de Licófron, *Alexandra*. Nesta composição pela primeira vez se alterna entre o nome de Cassandra e Alexandra. Apesar de não ser tida como fonte directa para a *General Estória*, a verdade é que existia, pelo menos em 1263, um exemplar da obra grega copiado em contexto castelhano (o ms. Escorialense 18)²³. É possível que Afonso X tenha, ao contactar com o texto, preferido

²⁰ De acordo com as indicações sugeridas na introdução à edição dos oráculos sibilinos por Suárez de la Torre, E., «Oráculos Sibilinos» in *Apócrifos del Antiguo Testamento*, 2002.

²¹ A passagem corresponde aos fólhos 201 r, col. I a 201 v, col. I. A transcrição da história de Cassandra pode ser consultada em Leite, M., «Gil Vicente, leitor de Afonso X? Sobre o *Auto de la Sibila Casandra* e a *General Estória*», in *Seminário Medieval 2008-2009* (org. de J. C. Miranda, M. R. Ferreira e A. S. Laranjinha), Porto, Seminário Medieval de Literatura, Pensamento e Sociedade, 2009, disponível também em www.seminariomedieval.com [data de consulta: Setembro de 2008]. A edição utilizada, em versão mais extensa, pode ser consultada na minha tese de mestrado, *Antes da Queda de Jerusalém*, onde se encontra um estudo mais detalhado sobre o manuscrito de Évora.

²² Afonso X in *Antes da queda de Jerusalém* (ed. de M. Leite), p. 124.

²³ Conforme L. Mascialino assinala no prólogo à edição de Licófron de Calcis, *Alejandra*, *op. cit.*

identificar a anónima profetiza eritreia ou alexandrina com a profetiza Cassandra, princesa troiana, contemporânea de Eneias, fundador do Império Romano.

Na descrição física de Cassandra, que equipara os olhos da profetiza aos de Vénus, e a descrição moral – que a retrata como uma mulher de coração bom, generosa e muito sábia – contribui para uma valorização da personagem além do já presente nos textos utilizados como fonte.

No entanto, será importante assinalar a insistência na designação da profetiza como “infante Cassandra”, independentemente do episódio narrado ser troiano ou bíblico, o que parece sublinhar a importância do vínculo linhagístico da profetiza à mais alta estirpe de Tróia. A filha de Príamo, legítima princesa de altas linhagens, sabe que poderia ser mãe de Jesus, não fora o facto de ter nascido noutro mundo que não o dos judeus e, finalmente, não ser a providencial virgem Maria.

A superioridade linhagística de Cassandra torna-a por isso uma autoridade no que diz respeito à profecia, justificando-se assim a sua transversalidade a universos distintos. Por outro lado, na 3ª parte da *General Estória* recorda-se a origem divina do dom de Cassandra, afastando assim qualquer hipótese de considerar a princesa uma nigromante e dignificando-a ainda mais.

Através da apropriação do nome de Cassandra para representar outras sibilas, a *General Estória* reconstrói as situações em que a profetiza anónima aparece, tornando-a mais transversal aos mundos troiano e bíblico. Vaticinando de Cristo, chegando ao ponto de se tomar por possível mãe do messias, Cassandra deixa de ser uma personagem mais de uma guerra para ser símbolo da capacidade de profetizar.

Finalmente, além das consequências que as alterações à descrição de Cassandra tem para a *General Estória*, não podemos deixar de equacionar o impacto que esta reformulação da princesa teve para textos posteriores, nomeadamente no *Auto de la sibila Casandra* de Gil Vicente²⁴.

Este trabalho despe apenas um dos muitos véus que envolvem a misteriosa Cassandra na *General Estória*. Da princesa que fora antes demonizada chegamos a uma princesa de olhos belos, branca de pele e loira de cabelo, sobre quem poderá haver mais a dizer: aguardemos que volte a falar o texto.

²⁴ Ver Leite, M., «Gil Vicente, leitor de Afonso X? Sobre o *Auto de la Sibila Casandra* e a *General Estória*», *op. cit.*

Composto e paginado
na UNIVERSIDADE ABERTA

Impresso e acabado
na Publidisa Publicaciones Digitales S.A:

1.ª edição – 1.ª impressão – 200 exemplares

Lisboa, Novembro de 2010

Depósito legal n.º 320783/10